



## Helena no Egito sem *eídōlon*: Estesícoro e os *Retornos* de Ágias de Trezeno em Heródoto 2.112-120

Helen in Egypt without *eídōlon*: Stesichorus and the *Nostoi* (*Returns*) of Agias of Troezen's in Herodotus 2.112-120

Rogério Gimenes de Campos<sup>1</sup>

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5813-2730>

e-mail: rogedecampos@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v9i2.40795>

**RESUMO:** Heródoto, no episódio do reinado de Proteu, descreve a estadia de Helena no Egito, tema parcialmente derivado de Estesícoro de Himera. Mesmo sem citar Estesícoro ou o *eídōlon* (ídolo) de Helena, Heródoto apresenta versão parcialmente similar à estesicórica ao afirmar que Helena nunca estivera em Troia e que permaneceu retida junto a Proteu no Egito (Hdt. 2.112-120). Heródoto, ao reabilitar a reputação de Helena através de uma narrativa racional e de uma sofisticada interpretação de Homero, elabora uma versão que acolhe elementos estesicóricos, evitando a citação explícita ao *eídōlon* (ídolo) de Helena, e usa um elemento proveniente dos *Retornos* de Ágias de Trezeno, especificamente Menelau aportando no Egito depois do saque de Troia. Nossa interpretação resgata o resumo de Proclo (Procl. *Chrest.* 277-293) para os *Retornos* de Ágias e a indicação de Dião Crisóstomo (D.Chr.11, 40-42) acerca de outras tradições poéticas atreladas ao episódio de Helena no Egito, ambos índices da proximidade de Heródoto com esses poetas e com o *Ciclo troiano*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heródoto; Helena; *Retornos*; Estesícoro de Himera; Ágias de Trezeno

**ABSTRACT:** Herodotus, in the episode of the reign of Proteus, describes the stay of Helen in Egypt, a theme partially derived from Stesichorus of Himera. Even without quoting either Stesichorus or Helen's *eídōlon* (idol), Herodotus presents a version to some extent similar to the stesichorean, as he states that Helen has never reached Troy, remaining in Egypt, retained by Proteus (Hdt. 2.112-120). Herodotus, in restoring Helen's reputation through a rational narrative and a sophisticated interpretation of Homer, elaborates a version that takes in stesichorean elements, avoiding the explicit citation of Helen's *eídōlon* (idol), and that includes an element coming from Agias of Troezen's *Nostoi* (*Returns*), specifically Menelaus landing in Egypt after the sack of Troy. Our interpretation recalls Proclus's summary (Procl. *Chrest.* 277-293) for Agias's *Nostoi* and Dio Chrysostom's indication (D.Chr.11, 40-42) of other poetic traditions tied to the episode of Helen in Egypt, both signs of Herodotus's proximity to these poets and to the *Trojan Cycle*.

**KEYWORDS:** Herodotus; Helen; *Nostoi* (*Returns*); Stesichorus of Himera; Agias of Troezen

<sup>1</sup> Professor de Filosofia Antiga da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Brasil.



## Introdução

Sendo o prosador em grego mais antigo de que temos uma obra completa, Heródoto pode ser considerado um dos primeiros críticos literários do Ocidente, ainda que seu método e seu uso das fontes estejam bastante distantes do que se convencionou depois do século XIX como o mais adequado e preciso. Em seu tempo, Heródoto tinha à sua disposição uma cultura oral bastante sedimentada, a qual se transformou, graças à fixação parcial e gradativa, na tradição literária que conhecemos. Sua originalidade, por muito tempo inabalável, passou a ser reavaliada, na medida em que conhecemos um pouco mais acerca das suas efetivas fontes, a partir das quais novas hipóteses puderam surgir. Desse modo, é possível também compreender com maior precisão o engenho mesmo da escrita de Heródoto, como no caso do relato de Helena no Egito, tema reelaborado a partir de tradições poéticas anteriores.

Heródoto, em 2.143, indica reter material proveniente das *Genealogias* de Hecateu. Entretanto, Nicolai (2012, pp. 643-647) considera que a versão de Helena no Egito não poderia ser atribuída com segurança a Hecateu, visto que o recurso literário ao sacerdote egípcio como interlocutor privilegiado nesse trecho seria uma maneira de Heródoto desvincular-se da poesia épica. Nicolai considera que Heródoto em 2.112-120, do rapto de Helena até a chegada de Menelau, reescreve uma narrativa em alguma medida derivada da mesma épica da qual ele pretendia se desvincular.

É certo que Heródoto tinha Homero e Hesíodo entre suas fontes principais, mas veremos como no caso em questão, do relato de Helena no Egito, Heródoto faz uso de outros poetas, tão importantes quanto Homero. Em Heródoto, como ressalta Marincola (1997, pp. 5-12), já não valem os princípios da inspiração e da omnisciência dos poetas arcaicos, de modo que suas palavras devem agora ser justificadas e comprovadas com inúmeros recursos retóricos, seleções, interpretações e reelaborações, havendo uma clara busca pela verossimilhança.

Lateiner (2016, pp. 13-106) explica as diversas características do método e da prosa histórica de Heródoto, tais como os recursos imagéticos e não verbais, além das paródias e da omissão. Heródoto se apropria não apenas das fontes mencionadas por ele mesmo, como Hecateu e Homero, mas também de fontes por ele jamais mencionadas. Heródoto discerne claramente o conteúdo dissonante proveniente de Homero e dos *Cantos Cíprios* (*Cypria*) (Hdt. 2.116-117), obra proveniente do *Ciclo troiano*, indicando a existência dessas versões outras sem as especificar. O *Ciclo troiano* é considerado o

grupo de aproximadamente 135 versos remanescentes, provenientes de composições orais fixadas em épocas diversas e distribuídas entre os seguintes títulos: *Cypria* (*Cantos Cíprios*) (53 versos), *Aethiopsis* (3 v.), *Ilias Parva & Ilias Mikra* (60 v.), *Nostoi* (*Retornos*) (5 v.), *Iliou Persis* (*Saque de Troia*) (12 v.) e *Telegonia* (2 v.). Seu conteúdo compreende elementos da pré-história grega até a guerra de Troia, uma maneira de concatenar os eventos anteriores e posteriores aos narrados por Homero, o qual foi visto na maior parte das vezes como origem exclusiva desses poemas, numa espécie de “homerocentrismo”. Entretanto, segundo Burgess (2015, p. 48) e Casalegno (2017, pp. 7-9), esses poemas do *Ciclo troiano* podem ser considerados tão ou mais antigos que Homero.

Nosso estudo se encontra nesse lugar, entre a poesia cíclica de Ágias de Trezeno e a lírica de Estesícoro de Himera, poetas que veremos como fontes possíveis da elaboração de Heródoto, assim como o conjunto do *Ciclo troiano*. Nossa leitura procura reaproximar esses *Ciclos*, ainda que tenhamos apenas poucos versos e os resumos legados por Proclo, pois parece fazer sentido reconhecê-los como fonte relativamente silenciosa em Heródoto, juntamente com Estesícoro de Himera e Ágias de Trezeno. Consideramos nesse estudo algumas fontes não nomeadas por Heródoto como partícipes do mesmo campo literário, resultando numa leitura que reconhece e resgata a proximidade entre Heródoto, o *Ciclo troiano*, Estesícoro e Ágias. Em outras palavras, Heródoto, ao tratar desse assunto, tem o *Ciclo troiano* como lugar temático e resgatou esses temas também a partir de Homero, Estesícoro de Himera e Ágias de Trezeno.

Ao escrever sobre os eventos de Troia, Heródoto evita a citação explícita ao *eídōlon* (ídolo) de Helena e conta uma versão racionalizada do motivo de Helena ter permanecido no Egito junto a Proteu. Ambas as versões, de Estesícoro e de Heródoto, afirmam que Helena jamais teria pisado em Troia.

O papiro Oxirrinco 2506, que é o documento mais recente desse conjunto aqui tratado, lançou luz no século XX para a possível existência de duas palinódias (retratações de Estesícoro), e nos mostrou também Helena junto a Proteu, confirmando a presença de seu ídolo (*eídōlon*) como elemento estesicórico, sem que, entretanto, houvesse elementos nele que assegurassem que esse Proteu estivesse no Egito, como na versão de Heródoto<sup>2</sup>.

Entre as possíveis fontes de Heródoto, encontramos Estesícoro e Ágias em condição similar, pois ambos respondem a esses requisitos temáticos do *Ciclo troiano*, notadamente os *Retornos* e *Saques de Troia*. Estesícoro é reconhecido pelo *eídōlon* de Helena em sua narrativa e Ágias por aportar Menelau no Egito. Heródoto procura de modo racional contar o *Ciclo troiano* mantendo Helena no Egito, versão parcialmente estesicórica, devido à ausência do *eídōlon*, mas que também isenta Helena de toda culpa acerca da guerra de Troia.

<sup>2</sup> O papiro Oxirrinco 2506 fr.6 col.1 data aproximadamente do séc. II d.C. e foi publicado em 1962 (PMG Page fr.193).

Dião Crisóstomo será peça fundamental desse quebra-cabeça por mimetizar Heródoto e por elaborar aparentemente a mesma indicação vaga acerca de alternativas poéticas, que consideramos aqui como provenientes do *Ciclo troiano*. Dião explica a existência de pelo menos três versões da história de Helena: uma homérica, em que Helena foi levada à Troia; uma estesicórica, segundo a qual Helena não foi à parte alguma; e uma terceira, na qual Helena aportou no Egito. Esta última parece ser a versão de Ágias de Trezeno, dentro do campo literário dos *Retornos*, visto que nele Menelau também aporta no Egito, embora não saibamos se está ali para buscar Helena ou não. Vejamos o trajeto, começando pelo papiro de Oxirrinco 2506 e, em seguida, as interpretações de Heródoto e Dião.

### Helena junto a Proteu

Como em diversos outros casos da poesia mélica, a informação que nos chega acerca de Estesícoro de Himera é fragmentária. Alguns dos seus temas são conhecidos devido a um conjunto de citações e menções de autores posteriores<sup>3</sup>. Nessa doxografia, há debates que não seriam possíveis de recensear aqui, no entanto necessitamos reter nesse primeiro momento apenas que Estesícoro foi autor de um poema perdido chamado *Helena*, ou *Epitalâmico de Helena*, seguindo a versão tradicional de que Helena foi a causa das muitas desgraças da guerra (Page, *PMG*, 2005[1962] fr.189). Estesícoro teria sofrido uma oftalmia ao recitá-lo, mas, em seguida, teria compreendido a sua falta religiosa contra Helena e teria recitado um novo canto reconciliador e curativo chamado *Palinódia*<sup>4</sup>. Estesícoro compôs essa retratação poética, na qual afirmava que seu canto anterior não era verdadeiro – tal como lemos em Platão: “esse não é um discurso verdadeiro” (*ouk ést' étumos lógos oútos*) (Pl. *Phdr.*243a) – e que, além disso, Helena nunca teria aportado em Troia.

Com tal procedimento poético e catártico, Estesícoro teria recuperado a visão<sup>5</sup>. Na *Palinódia*, Estesícoro teria recantado a história de Helena, a qual “na verdade” nunca havia estado em Troia, pois apenas um ídolo (*eídolon*) seu teria sido enviado para a cidade em seu lugar, tal qual se pode observar também no Papiro Oxirrinco:

αὐτὸς δέ φησιν ὁ Στισίχορος  
τὸ μὲν εἶδωλον ἔλθεῖν ἐς  
Τροίαν τὴν δ' Ἑλένην παρὰ  
τῷ Πρωτεῖ καταμεῖναι·

o próprio Estesícoro diz  
que o *eídolon* (o ídolo) foi levado  
para Troia, enquanto Helena  
permaneceu junto a Proteu.<sup>6</sup>  
(*P.Oxy.* 2506 fr.6 col.1, *PMG* Page fr.193)

<sup>3</sup> Ver Davies (1991); Campbell (2001); Page (1962 reimp. 2005); Vürtheim (1919).

<sup>4</sup> Ver Bowra (1934; 1963); West (2003); D'Alfonso (1994, 1994b); Austin (1994).

<sup>5</sup> Ver Sider (1989).

<sup>6</sup> Nossa tradução (*P.Oxy.*2506, fr.193) a partir da edição de Page (1962, reimp. 2005, p.106), cotejada à edição de Campbell (2001, p.96-97) e de Davies & Finglass (2014, p.123-124).

O Papiro Oxirrinco 2506 fr.6 col.1 (PMG Page, fr.193, 2005 [1962] p.106) é um pouco maior e traz outras informações, como o fato de Estesícoro ter composto duas *Palinódias*, uma para confutar Homero e outra para confutar Hesíodo. Essa informação provocou novas indagações e muitos outros debates, os quais por motivo de tempo e espaço não poderíamos recensear aqui<sup>7</sup>. Resumidamente, cada uma das *Palinódias* tem seus versos iniciais mencionados no trecho<sup>8</sup>, de acordo com um comentador chamado Camaleão (*hōs anégrapse Khamailéōn*), mas o que nos importa prioritariamente é a necessidade de alterar as histórias tradicionais, ou seja, o esforço por parte de Estesícoro, e certamente de outros poetas, em reelaborar elementos, tornando-os mais palatáveis ou atrativos para o seu auditório<sup>9</sup>.

Os motivos dessa reelaboração, segundo Woodbury (1967), seriam difíceis de especular com precisão, pois orbitam entre justificativas prosaicas e justificativas mais complexas. Bowra (1934), por exemplo, diz que Estesícoro compôs sua *Palinódia* simplesmente porque passou a trabalhar como poeta em Esparta, lugar em que Helena sempre fora divinizada. Teria sido adequado e decoroso, portanto, que compusesse uma retratação ao seu poema anterior, pois era bastante conhecido. Nessa poesia anterior, vituperava Helena, mas Estesícoro teria podido recompor sua própria reputação através da também reabilitada reputação de Helena. A *Palinódia* teria sido uma espécie de racionalização do mito, como sugere Bowra, mas uma racionalização limitada, uma vez que criava uma justificativa inserida no mesmo registro mitológico.

Fowler (2011, p.61) aponta para uma eliminação dos elementos sobrenaturais quando Heródoto trata de Helena, de modo que tal racionalização, ainda que ocorresse de forma não articulada, como diz Fowler, procurava realizar uma crítica não apenas literária, mas uma espécie de escolha do que seria mais adequado ao seu próprio relato. Numa linha interpretativa similar, Condilo (2017, p. 82; 2018, pp. 13-39) ressalta o poder do verossímil (*eikós*) para Heródoto, valendo-se especialmente do caso das genealogias, evidenciando também como Heródoto elege atentamente suas fontes em vista da sua interpretação. Heródoto racionaliza e desmitifica parcialmente a história de Estesícoro removendo o *eídolon*, engano que teria levado gregos e troianos à guerra total. Nesse sentido, parece ter sido mais adequado que Heródoto eliminasse esse elemento fantasioso como causa da guerra.

Platão, por outro lado, reelaborando o tema herdado de Estesícoro, resgata na *República* o ídolo de Helena também como um elemento de ilusão que havia mobilizado todos para um grande engano. Nesse sentido, a imagem ou ídolo (*eídolon*) de Helena teria sido a causa de inúmeras desgraças:

<sup>7</sup> Ver Bowra (1963); Pulquério (1973); Defradas (1954); West (1982).

<sup>8</sup> Ver Page (1962, reimp. 2005, p.106): δεῦρ' αὖτε θεὰ φιλόμολπε, τῆς δέ· χρυσόπτερε παρθένε, ὡς ἀνέγραψε Χαμαιλέων· Betini & Ragusa traduziram recentemente esses versos relativos às *Palinódias* da seguinte maneira: “Para cá, outra vez, deusa amante da dança-canto” e “aurialada donzela” (Betini & Ragusa, 2021, p.82).

<sup>9</sup> Ver Austin (1994); Mancuso (2013).

Não é forçoso que passem a vida em prazeres misturados com sofrimentos, *ídolos* (*eídólóis*) do prazer verdadeiro, esboços que tiram a sua cor da justaposição uns dos outros, de maneira que cada um deles apareça mais avivado, e a desencadear nos insensatos paixões desenfreadas uns pelos outros, e a combaterem por elas, tal como se combatia em Troia pelo ídolo de Helena (*Helénes eídōlon*), conforme diz Estesícoro, por simples desconhecimento da verdade (*agnoíai tou alethoús*)?  
(Pl. R. 586c1-5)<sup>10</sup>

Estesícoro e a narrativa do *eídolon* remetem primeiramente em Platão ao campo do engano, ao mesmo tempo em que retomam logo em seguida o sentido oposto, do verdadeiro, pelo efeito catártico empregado e que lhe é característico. Platão, na *Carta III*, em que pesem as dúvidas sobre sua autenticidade, exorta Dionísio II de Siracusa a mudar “o governo de tirania para reinado” (*tèn archèn anti tyrannídos eis basileían metastésanta*) (Pl. Ep. III 315d), e isso significa, nesse contexto, escolher a verdade: “Se concordares, tendo admitido ser Estesícoro um sábio, imita sua *Palinódia*, e muda do discurso falso para o discurso verdadeiro” (*ek tou pseudous eis tòn alêthê lógon metastésêi*) (Pl. Ep. III 319e). Em Platão, portanto, esse tema remete ao campo da discussão acerca do valor de verdade que a imagem pode ou deve ter, nisso compreendida a própria escrita como imagem, um dos temas de suma importância em sua própria filosofia<sup>11</sup>.

Segundo Austin (1994, pp. 118-136), Estesícoro procura reabilitar a reputação de Helena, como filha de Zeus, forjando uma nova imagem em que a argiva não mais seria a causa de tantos males. Para tanto, teria inventado o *eídolon*, que teria sido levado em seu lugar para Troia, mas tal evento estaria acompanhado de certa alucinação de Alexandre Paris, meio pelo qual haveria um desdobramento de Helena através dessa sua imagem<sup>12</sup>. Tal duplicidade entre a imagem e o ser de Helena servirá como base para as mais elaboradas reflexões, especialmente sobre o alcance da linguagem, seja pela perspectiva da retórica, como é o caso de Górgias e Isócrates, seja pela perspectiva da filosofia, como é o caso de Platão. Mas avancemos em direção ao relato de Heródoto e sua relação com Estesícoro.

Como na *Odisseia* há uma menção de Helena no Egito (*Od. IV, 227-230*), parece ter sido essa a inspiração mais evidente de Heródoto para contar uma nova narrativa, diferente da *Ilíada*. Heródoto usa elementos entrelaçados aos da *Odisseia*, especialmente o fato de Menelau contar a Telêmaco acerca do período em que ficara retido em Faro, perto do Egito, sem saber o porquê. Essa foi uma maneira de Heródoto evitar mencionar outras tradições literárias, como veremos, valendo-se apenas de Homero do ponto de vista técnico, mas elaborando concomitantemente elementos exteriores.

<sup>10</sup> Tradução de Pereira (1987, p. 439) substituindo “fantasma” por “ídolo”.

<sup>11</sup> Ver Campos (2017, pp. 61-66).

<sup>12</sup> Haveria uma referência dessa imagem em Hesíodo (fr.266), mas tal atribuição é controversa (Page, 1962, nota p. 106). Ver também Woodbury (1967, p. 159).

Menelau conta como foi ajudado por Eidoteia e conseguiu, não sem muito esforço, ser informado por Proteu, um ser divino nesse caso, do motivo também divino da sua quarentena forçada de vinte dias sem nenhum vento em Faro. Proteu diz que Menelau deveria voltar ao Egito e realizar sacrifícios aos deuses (*Od.* IV, 350-490); esse era o motivo da sua retenção, agora revelado por Proteu, uma espécie de deus do encontro, da adivinhação e da equidade (Zatta, 1977, pp. 9-24).

Um detalhe importante proveniente do mesmo canto IV é o uso do recurso da forja de um ídolo (*eídōlon*), uma imagem de Ífima, criada por Atena, para apaziguar o coração de Penélope, uma vez que ela, além de não saber o paradeiro do marido Odisseu, descobre que seu filho Telêmaco navegara até Pilos para saber notícias do pai, enquanto alguns dos seus pretendentes tramavam uma emboscada para matá-lo. São três ocorrências desse *eídōlon* nesse mesmo canto (*Od.* IV, 795; 824 e 835), de modo que é possível relacionar a história anterior narrada por Menelau, retido no Egito, com essa utilização posterior do *eídōlon*, em um trecho praticamente contíguo e que parece ter sido a matéria comum de Estesícoro, o qual teria mesclado, em sua própria reelaboração poética, a aparição de Atena através da imagem (*eídōlon*).<sup>13</sup>

Heródoto apresenta Alexandre retido no Egito, juntamente com Helena, sem menção ao ídolo (*eídōlon*). Resgata também a figura de Proteu, que em sua narrativa não é um ser sobrenatural, mas o rei (faraó) do Egito. Proteu interroga Alexandre, que teria sido arrebatado com Helena devido a ventos contrários. Como Alexandre tenta omitir suas ações anteriores, Proteu retém Helena e seus pertences até que Menelau pudesse vir resgatá-la presencialmente. Assim, também em Heródoto, Helena está livre de qualquer responsabilidade acerca das catástrofes a ela atribuídas e, nesse aspecto geral, parece que Heródoto e Estesícoro estiveram plenamente de acordo. Todavia, o ídolo (*eídōlon*) ainda os afasta.

O fragmento do papiro Oxirrinco permite dizer apenas que Helena ficou com Proteu e um ídolo (*eídōlon*) seu foi enviado a Troia. Heródoto, ao contar uma história em alguma medida parecida, usa elementos provenientes de Homero e de Estesícoro. Evita usar o *eídōlon*, porque pretende se apartar daqueles argumentos fantásticos. Ao pretender narrar desde um ponto de vista racional, Heródoto cria uma versão diversa, colhida preferencialmente em Homero, mas que, contudo, exala temas estesicóricos<sup>14</sup> e também colhidos junto ao *Ciclo troiano*, especificamente dos *Retornos*. Segundo Austin (1994, p. 123), há um paralelo entre Heródoto e Estesícoro, pois ambos se equiparam a Homero. Enquanto Estesícoro se expressa através do mito de Helena, Heródoto procura fazer algo parecido pelo discurso da história.

<sup>13</sup> Ver Zatta (1977).

<sup>14</sup> Embora alguns autores prefiram a terminologia “estesicoreus” e “estesicoreia”, como Betini & Ragusa (2021), usamos a terminologia “estesicórica” e “estesicórico” para designar a poesia e os temas ligados a Estesícoro, sem interesse pela controvérsia (Campos, 2012, 2016).

A descrição do reinado de Proteu é o cerne mais evidente da proximidade com Estesícoro, pois retrata Helena retida junto a Proteu. Mas a questão do Egito em Estesícoro fica em suspenso, pois o papiro Oxirrinco (P.Oxy.2506) apenas diz: “Helena permanecera junto a Proteu”. Ainda que as menções a Proteu que conhecemos por Homero sejam todas ligadas ao Egito, fica impossível afirmar categoricamente que esse Proteu é um egípcio ou que estava no Egito. Lloyd (1993, p. 46) ressalta que o paradeiro de Helena durante a guerra segundo Estesícoro ainda é algo desconhecido. Ainda que o mesmo papiro Oxirrinco, na frase seguinte, diga que “Demofonte, filho de Teseu, foi levado ao Egito com Testíade no retorno (*nostói*) de Troia”, esse desembarque parece não ter relação necessária com Helena<sup>15</sup>.

Observando o tema de outra perspectiva, segundo Dião Crisóstomo, cuja interpretação é muito posterior, a versão estesticórica não mencionava o Egito, apenas dizia que Helena não “teria navegado a parte alguma” (D. Chr. 11, 40). Como tais questões estão, todavia, em aberto, vejamos primeiramente a descrição de Heródoto para, em seguida, apontarmos algumas reflexões e uma hipótese de leitura inspirada em Dião.

### **Heródoto: uma versão parcialmente estesticórica**

A argumentação de Heródoto nesse ponto do seu livro 2 pode ser dividida basicamente em cinco momentos: i) Helena no Egito (2.112), ii) os sacerdotes interrogados por Heródoto (2.113-115), iii) citações de Homero (2.116-117), iv) os sacerdotes interrogados novamente por Heródoto (2.118-119) e v) as conjecturas de Heródoto (2.120). Vejamos cada um desses passos:

#### **i) Helena no Egito (2.112)**

No parágrafo 2.112, que serve como uma introdução formal ao tema Helena no Egito, ela aparece, assim como em Estesícoro (P.Oxy.2506), associada a Proteu, o homem de Mênfis cujo templo é confundido com o de Afrodite Estrangeira. Tal Afrodite, segundo Heródoto, seria a própria Helena:

Ἔστι δὲ ἐν τῷ τεμένει τοῦ Πρωτέος ἱρὸν τὸ καλεῖται Ξείνης Ἀφροδίτης. Συμβάλλομαι δὲ τοῦτο τὸ ἱρὸν εἶναι Ἑλένης τῆς Τυνδάρεω, καὶ τὸν λόγον ἀκηκοῶς ὡς διαιτήθη Ἑλένη παρὰ Πρωτέϊ, καὶ διὴ καὶ ὅτι Ξείνης Ἀφροδίτης ἐπώνυμόν ἐστι· ὅσα γὰρ ἄλλα Ἀφροδίτης ἰρά ἐστι, οὐδαμῶς Ξείνης ἐπικαλεῖται.

Dentro desse recinto há o templo de Proteu, chamam-no também templo de Afrodite Estrangeira. Considero ser um templo para Helena, filha de Tíndaro, ainda

<sup>15</sup> Ver *Scholia in Lycophronem* 820-822 (Müller, 1811, pp. 809-811), que também menciona a história de Helena, resgatando as versões de Heródoto e Eurípides, ressaltando especialmente a versão de Eurípides, segundo a qual “o ídolo (*eidōlon*) de Helena foi trazido para o céu por Apolo” (τὸ εἶδωλον τῆς Ἑλένης τὸ ἀναχθὲν εἰς οὐρανὸν ὑπ’ Ἀπόλλωνος).

mais por ter ouvido uma narrativa em que Helena havia sido, outrora, protegida por Proteu, o que certamente explica esse epônimo de Afrodite Estrangeira, pois há tantos outros templos para Afrodite e a nenhum outro foi acrescido esse nome de Estrangeira (Hdt. 2.112).<sup>16</sup>

Uma característica digna de nota nesse parágrafo diz respeito à própria Helena, que é caracterizada como filha de Tíndaro, seu pai humano, não como em outras versões, nas quais se ressalta seu pai divino, Zeus<sup>17</sup>. Isso mostra que a versão de Heródoto é uma versão reelaborada, pois os argumentos que ele dará nos próximos parágrafos serão predominantemente racionais, ainda que ele também apresente no final uma hipótese genérica e de caráter teológico.

Quando Heródoto anuncia certa quantidade de templos para deuses gregos no Egito é preciso ser cauteloso, pois realiza correspondência entre panteões de culturas diferentes, o que já é bastante problemático<sup>18</sup>. Logo em seguida, Heródoto usará um argumento contra Homero que poderia muito bem ser endereçado contra ele próprio. Diz que Homero conhecia a tradição de Helena no Egito, mas sabia também que tal tradição não convinha bem à sua versão, de modo que teria rejeitado completamente essa Helena retida no Egito, mesmo sendo possível observar, em outros pontos da sua própria narrativa, que ele a conhecia. Da mesma forma, Heródoto vale-se da tópica de Helena no Egito, evitando o termo *eídolon*, que seria uma citação explícita a Estesícoro, misturando também outras narrativas épicas. Muito provavelmente seus leitores mais antigos reconheciam esse lugar comum, bem como o cuidado que teve em evitar uma citação explícita a Estesícoro, pois de fato seu intuito parece ter sido manter certa distância das narrativas fantasiosas, valendo-se das conjecturas racionais, mesmo que nos mesmos cenários.

## ii) os sacerdotes interrogados por Heródoto (2.113-116)

Nessa seção de três parágrafos, Heródoto narra o que teria ouvido dos sacerdotes egípcios. Esse trecho também repetirá a versão segundo a qual Helena nunca esteve em Troia. Alexandre, depois de ter raptado (*harpásanta*) Helena, navegou (*apopléin*) pelo Egeu e foi lançado por ventos até o mar

<sup>16</sup> Nossa tradução. Consultamos tradução italiana do livro de Lloyd (Lloyd trad. Fraschetti 1996, p. 121) e de Moraes (1999, p. 184). Ver também Lloyd (1993, p. 45) acerca das ligações possíveis dessa Helena estrangeira, que também poderia ser considerada “Helena hóspede” (*xeines*), com a deusa Astarte da Síria e com Helena Dendritis, divindade da vegetação pré-grega, da qual se conhece no período clássico dois templos remanescentes, um em Esparta e outro em Rodes.

<sup>17</sup> Um exemplo dessa controvérsia pode ser visto *In Schol. Pind. Nem. X 150.a* (iii 182,18-26 Drachmann) Castore et Polluce: “Polideuces e Helena são [filhos] de Zeus e Leda, enquanto Castor [é filho] de Tíndaro. Hesíodo, todavia, dizia nem ser de Leda nem de Nêmesis, mas filha de Oceano e Zeus”. O mesmo tema da paternidade de Helena também aparece em Górgias: “é evidente, pois, como a mãe era Leda, e quanto ao pai, um era divino e o outro era dito mortal, Tíndaro e Zeus, sendo que um deles por ser efetivamente ganhou a reputação, enquanto o outro, por apenas parecer, foi refutado, um foi o mais forte entre os homens e o outro o senhor de todos” (*Gorg. Hel. 3*). Utilizamos aqui tradução de Coelho (1999, p. 15). Ainda acerca de Helena em Estesícoro, ver Betini & Ragusa (2021, pp. 75-81).

<sup>18</sup> Ver Lattimore (1939); Hartog (1988); Kelly (2007).

egípcio (*exōstai ánemoi ekbállousi es tò Aigúption pélagos*). Ventos (*pneúmata*) incessantes o atingiram até leva-lo até a Boca Canópia, fazendo-o aportar numa salina. Nesse lugar havia um templo de “Hércules” no qual qualquer servo poderia se refugiar sem ser tocado, contanto que tivesse as marcas sagradas (*stígmata hirá*). Alguns escravos (*oikētēs*) de Alexandre, sabendo disso, entregaram-se como suplicantes (*hikétai*) ao deus e acusaram (*katēgóreon*) Alexandre. Desse modo, conseguiram atingi-lo (*bláptein*), contando como Alexandre havia raptado Helena, delatando a injustiça (*adikíen*) que ele havia cometido contra Menelau. Essas acusações foram feitas na presença dos sacerdotes (*toùs hiréas*) e do guardião daquele lugar, Tônis, que imediatamente mandou avisar o rei Proteu em Mênfis.

Proteu, tendo ouvido de Tônis as ações ímpias (*érgon dè anósion*) de Alexandre, mandou chamar o estrangeiro para saber dele mesmo o que havia ocorrido. Proteu perguntou a Alexandre quem ele era e de onde vinha trazendo Helena com aqueles bens, mas Alexandre foi vago (*planōménou*) em sua resposta, e o particípio *planōménou* indica essa característica de “errante”, tais quais os “planetas” e os navios à deriva. Alexandre é “vago” em seu discurso (*en tòi logói*) ao responder Proteu, não dizendo a verdade (*ou légontos tòn alētheiēn*) e essa errância (*plánēn*) acompanha Alexandre em dois outros momentos (2.116, 2; 2.116, 6) (*plánēn tòn Alexándrou ... Alexándrou plánēn*), fazendo com que sua personalidade seja caracterizada como a de um errante, vago e mentiroso.

Proteu revela a Alexandre que já sabia de tudo, inclusive das omissões de sua fala, e que não queria matar estrangeiro trazido pelo vento (2.115,4) (*hup’ anémōn*), caso contrário ele mesmo vingaria Menelau, porque Alexandre teria sido maléfico (*kákiste*) e muito ímpio (*anosiótaton*) ao raptar a mulher de seu anfitrião. Proteu diz que entregará Helena e os bens que Alexandre havia roubado exclusivamente ao marido dela, Menelau, enquanto Alexandre teria três dias para deixar o país. Depois desse prazo, Alexandre seria tratado como inimigo. Tal discurso de Proteu sintetiza a versão de Heródoto (2.114-115).

### iii) citações de Homero (2.116-117)

O que Heródoto disse até então era fruto do que ouviu dos sacerdotes egípcios, mas nesses dois próximos parágrafos procurará sustentar uma opinião própria (*dokéi dé moi*) seguindo a mesma versão geral. Para embasar seu argumento, Heródoto dirá que o próprio Homero conhecia essa versão, de que Helena esteve no Egito, mas que, percebendo que ela não convinha ao seu relato épico, abandonou-a, sem, contudo, deixar de manifestar em sua poesia que conhecia o fato.

O primeiro trecho versa sobre o curso errático de Alexandre e Helena na Fenícia (*Il. VI, 289-292*), o segundo deles sobre como Helena aprendeu e recebeu de Polidamna alguns fármacos egípcios (*Od. IV, 227-230*) e o terceiro é uma fala de Menelau a Telêmaco, quando diz que ficou parado no Egito por desígnio dos deuses (*Od. IV, 351-2*). Além dessas citações pontuais, que comprovariam a errância de Menelau e Helena no mar, motivo pelo qual estiveram na Síria e no Egito, Heródoto refuta a

autoridade dos *Cantos Cíprios*<sup>19</sup>, versão segundo a qual ambos teriam chegado a Troia, graças aos *ventos favoráveis* e ao mar sereno, em apenas três dias (2.117,3). Heródoto aqui testemunha expressão atribuída aos *Cantos Cíprios*: “por ventos favoráveis” (*euaîi te pneúmati*)<sup>20</sup> e faz alusão a “algum outro poema” (*all’ állou tinós*), sem especificar qual seja, e esse indicativo será importante para nossa interpretação.

Heródoto, ao procurar sustentar a sua própria opinião, usa o texto homérico contra a versão dos *Cantos Cíprios*, colhendo exclusivamente em Homero o que corrobora sua tese, que parece ser a mesma de Estesícoro, ou seja, que Helena não foi para Troia, ainda que não seja possível, como dissemos, afirmar que Estesícoro tenha criado o tema de Helena no Egito. Groten (1963, p. 84) acredita que, apesar de Heródoto conhecer a versão estésicórica, não se sentiu obrigado a mencioná-la, porque nela não há nenhuma menção ao Egito.

Heródoto instaura em sua prosa um procedimento que certamente já havia sido amplamente praticado entre os próprios poetas, nas recitações públicas e nas interpretações dos rapsodos, uma vez que apresenta provas a partir da autoridade dos trechos atribuídos a Homero. Heródoto realiza interpretação que talvez até então não fosse a predominante, mas sua seleção e elaboração de trechos de discursos escritos faz com que se observe sua sofisticada interpretação. Platão, no *Fedro*, ressalta esse como um dos perigos da escrita, de sempre dizer a mesma coisa, e por isso ser alvo dos manipuladores de discursos (Pl. *Phdr.* 275d), podendo ser cortada, interpolada, redistribuída e recitada de acordo com interesses diversos, muitas vezes até mesmo alheios às opiniões dos próprios autores.

#### iv) sacerdotes interrogados novamente: a versão de Menelau (2.118-119)

Heródoto, depois de demonstrar sua habilidade como hermeneuta de Homero, mais uma vez retoma a autoridade dos sacerdotes. Eles serão agora porta-vozes das investigações (*historíeisi*) que foram colhidas e conhecidas (*eidenai*) junto ao próprio Menelau (*par’autoû Menéleô*) (2.118,1). Segundo a versão de Menelau, depois que Helena foi raptada (*harpagôn*), um grande exército grego, juntamente com Menelau, havia reclamado Helena em Troia através de seus mensageiros. Pediram a restituição de Helena, seus bens, e ainda uma reparação pela injustiça cometida. Mas os troianos, desde o início, diziam que Helena não estava com eles, e que nem as riquezas reclamadas poderiam ser devolvidas, pois tudo estava retido com o rei Proteu no Egito.

Os gregos, pensando que estavam sendo ridicularizados, sitiaram a cidade de Troia e a tomaram, mas quando transpuseram suas muralhas, como Helena não apareceu (*hōs ouk epháineto hē Helénē*) (2.118,4), finalmente acreditaram no que tinham ouvido e enviaram imediatamente Menelau até Proteu, em Mênfis. Menelau subiu o Nilo até Mênfis e disse a verdade acerca do que havia ocorrido (*eípas tōn alētheiēn tōn prēgmátōn*) (2.119,1). Ele teria sido muito bem recebido por Proteu, de quem recuperou Helena e suas riquezas.

<sup>19</sup> Ver Bernabé (1996, p. 52); West (2003).

<sup>20</sup> Ver fr.14 em Bernabé (1996, p. 52).

Há um contraste forte entre Alexandre e Menelau, pois, enquanto Alexandre é aquele que tergiversa sem nunca falar a verdade, Menelau sempre diz a verdade. Apesar de Menelau ter essa atitude verídica em sua fala e ter sido bem tratado no Egito, ele também cometerá um ato injusto (*ádikos*) e ímpio (*ouk hósion*) (2.119,2-3). Impossibilitado de navegar pelo mal tempo, sacrificou duas crianças do local e, em seguida, fugiu até a Líbia. Obviamente essa parte não foi narrada pelo próprio Menelau, mas é fruto de um complemento dos fatos narrados pelos sacerdotes egípcios (2.119,3).

#### v) as conjecturas de Heródoto (2.120)

Heródoto apresentará seu próprio *lógos* acerca de Helena no Egito nesse parágrafo que fecha as digressões acerca do assunto; conjecturas, aliás, que ele próprio, numa saída polida e estratégica, porá em dúvida. As conjecturas são as seguintes:

- a) se Helena estivesse em Troia (*ei ên Helénē en Iliôi*) (2.120,1), ela teria sido devolvida (*apodothênai*), querendo Alexandre ou não, pois Príamo não seria tão insensato (*phrenoblabós*), nem os que com ele estavam, a ponto de não a restituir;
- b) se Príamo fosse insensato, não permaneceria com essa mesma opinião ao ver a morte de tantos troianos, inclusive dos seus filhos, duas, três ou mais vezes, para que Alexandre ficasse casado com Helena (*Aléxandros Helénēi sunoikeêi*) (2.120,3);
- c) Príamo não permaneceria com essa mesma opinião nem mesmo se ele próprio fosse casado com Helena (*ei kai autòs Príamos sunoikee Helénēi*) (2.120,3)<sup>21</sup>;
- d) Heitor, o irmão mais velho de Alexandre, jamais compactuaria com as injustiças do irmão, especialmente observando a ocorrência de grandes prejuízos (*megálôn kakôn*) (2.120,5).

Heródoto conclui dizendo que tudo acabou daquela forma porque os troianos não tinham Helena com eles para devolvê-la, e que, mesmo dizendo a verdade, não foram capazes de convencer seus adversários. Heródoto sugere que a verdade deve estar acompanhada da persuasão e que os troianos fracassaram em persuadir, mesmo porque a ausência de Helena era inverossímil. Além disso, tal ausência não poderia ser comprovada antes da tomada da cidade. Os troianos não conseguiram persuadir pela falta de evidências, não conseguiram forjar um discurso persuasivo acerca da ausência

<sup>21</sup> Antes desse passo, há uma frase importante de Heródoto que remete ao uso interpretativo dos versos épicos: “se é preciso, para falar, valer-se de algo proveniente das narrativas épicas” (*ei khré ti toísi epopoioísi khreōmenon légein* 2.120,3), insinuando que essa ideia poderia ser colhida na poesia arcaica, como, em seguida, ele faz para justificar a presença de Helena no Egito. Esse argumento (c) poderia ser eventualmente assimilado ao argumento (b), especialmente porque ambos têm natureza similar, ou seja, Príamo não pagaria um preço militar tão alto, agindo obstinadamente de modo tão imprudente, mesmo sendo ele próprio casado com Helena. Nesse caso, poderíamos apenas agregar ao argumento (b) à expressão encontrada em (c) como contíguos: “mesmo se ele próprio fosse casado com Helena (*ei kai autòs Príamos sunoikee Helénēi*) (2.120,3)”. Essa eventual assimilação não altera o quadro geral e a natureza dos argumentos de Heródoto.

de Helena. Como em tantos outros casos da cultura clássica, o verossímil (*eikós*) supera o verdadeiro, na medida em que a ficção de que Helena estava em Troia tornaria a invasão inevitável. Inúmeras foram as ações alicerçadas nessa crença (*pístis*) inicial e verossímil (*eikós*) de que ela estava em Troia, embora não estivesse.

Uma vez que o fragmento do papiro Oxirrincó permite apenas dizer que Helena ficou retida com Proteu e uma imagem sua foi enviada para Troia, não havendo evidência de que esse Proteu, como dissemos, seja egípcio ou que estivesse no Egito, a versão de Heródoto pode ser considerada apenas parcialmente estesicórica ou receptora de elementos estesicóricos<sup>22</sup>. Também não há evidência de quem teria criado tal imagem, assunto que aparece com nitidez na recepção do tema por Eurípides como algo “etéreo” e “celestial” (E. *Hel.* 65-66; 406; 584; 705; 866-867; 1478; 1496), e no escólio de Licofrão, lugar em que essas características são mencionadas e Proteu aparece como criador do ídolo (*eídōlon*) de Helena, enquanto Apolo teria papel no seu transporte (*scholia Lyc.*110-113; 820-822)<sup>23</sup>.

A retenção de Helena junto a Proteu é o que há de estesicórico em Heródoto, ao passo que o *eídōlon* de Helena, que talvez pudesse completar esse quadro sinfônico entre os autores, jamais se comprova, muito provavelmente pela intenção de Heródoto em manter-se distante de relatos fantasiosos atrelados ao *eídōlon*.

Resumidamente, tal versão parcialmente estesicórica é assim designada pela falta do *eídōlon* em Heródoto e também pela falta de menção ao Egito no papiro Oxirrincó 2506. Contudo, uma observação encontrada em Dião Crisóstomo chama atenção para algo mais em Heródoto, indício que embasará nossa hipótese.

### Dião Crisóstomo: Estesícoro, Ágias e os *Retornos*

Dião Crisóstomo (entre séc. I e II d.C.), em sua versão acerca do tema, quase seis séculos à frente, faz uso de elementos literários provenientes de Heródoto, de Estesícoro, de Platão, entre outros. Nesse palimpsesto em que se depositam essas diversas camadas históricas, Dião, ao refutar a tomada de Troia como tese principal de seu discurso, escolhe um tema do *Ciclo troiano* e comenta a versão de Estesícoro, contraposta à versão de Homero (D.*Chr.*11,41-42). Assim, Dião revela um território de fontes não explícitas, as quais consideramos serem capazes de lançar alguma luz ao que

<sup>22</sup> Ver Carra e Ragusa (2020, pp. 143-147), que investigam o fundamento da autoridade discursiva do *lógos* em Heródoto, tratando também da relação da sua prosa com seus predecessores, poetas e prosadores, observando como o historiador sintetiza a informação oral disponível, tanto aquilo que diz ter visto, como o que diz conhecer propriamente e investigar. Acerca desse episódio de Helena, Carra e Ragusa destacam a injustiça ligada ao crime de *xenia* tanto de Alexandre como de Menelau, bem como as composições poéticas arcaicas e a intertextualidade de Heródoto com os antecessores, contexto em que destacam Hecateu e Estesícoro como fontes de Heródoto. Embora nossas abordagens tenham sido bastante distintas, nosso trajeto em torno do mesmo trecho revela essa pequena diferença interpretativa em seu resultado, na verdade apenas um detalhe, ao entender Estesícoro como uma fonte parcial de Heródoto.

<sup>23</sup> Ver Wolff (1973); Jansen (2012); Dodds (1960, xxv-xxvi).

Heródoto teria evitado mencionar. Quando refuta os *Cantos Cíprios*, Heródoto menciona outros poemas, provavelmente desse mesmo grupo conhecido como *Ciclo troiano*, cujos resumos de Proclo nos foram legados por Fócio (Phot. *Bibl.*239 = Procl. *Chrestomathia* 277-293).

Hunter (2009, pp. 43-52) evidencia como Dião mimetiza Heródoto, que tem um papel fundamental dentro de suas estratégias narrativas contra a credibilidade de Homero. Dião faz menção às provas (*tekmeríoi*) que foram usadas ao longo dos tempos para “persuadir acerca dos eventos de Troia”, especialmente como a cidade foi tomada por Agamêmnon e como Helena vivia com Menelau quando foi raptada por Alexandre (D.*Chr.*11,37). Aqui algo especial chama atenção, o fato de tanto a tomada da cidade como a descrição do rapto de Helena constituírem temas comuns ao *Ciclo troiano*. Alguns estudiosos consideram o *Ciclo troiano* tão antigo quanto Homero (Burgess, 2015, p. 44), enquanto outros defendem sua datação em período pós-homérico (Davies, 2001, p. 5), mas de qualquer modo é importante entendê-lo como um terreno temático comum a todos os autores dessa trama.

Um escoliasta de Clemente de Alexandria descreve os *Cantos Cíprios* como pertencente ao *Ciclo*. Além de confirmar que tratava do rapto de Helena, ele afirma também que os poetas cíclicos eram compiladores que surgiram depois de Homero (Schol. in Clementis *apud* Buzelli, 2019, p. 111). A ambiência do *Ciclo troiano* fica definida como algo não apenas reconhecida, mas também mimetizada por Dião, visto extrair desse mesmo campo literário elementos para a sua invenção retórica. Filopono atesta que os Ciclos circularam até a época de Alexandre Severo, entre a segunda e terceira década do terceiro século da era cristã (Scafoglio, 2004, pp. 41-42), data que habilita Dião como possível leitor de alguma edição do referido material.

Algo digno de nota acerca das versões sobrepostas é que o sacerdote, supostamente interrogado por Dião, revela que o relato de Menelau seria a versão oficial de Helena no Egito, ou seja, a mesma versão contada por Heródoto (2.118-119). Ainda em Dião, temos um indício importante da proximidade entre Heródoto e Estesícoro, proximidade que revela também a importância de outras fontes, assim como em Heródoto, outras poesias, as quais Dião parece poder reconhecer. Combinados aos temas correlatos revelados pela doxografia dos *Retornos*, além de Estesícoro (Page, 2005 [1962], pp. 112-3), encontramos também o poeta Ágias de Trezeno como possível personagem dessa trama. Segundo Proclo (Procl. *Chrest.* 277-293), Ágias menciona Menelau retornando de Troia e aportando no Egito, exibindo o mesmo horizonte temático do *Ciclo troiano* e de Estesícoro.

Vejamos o trecho de Dião, cujo objetivo geral era ridicularizar a falta de critério dos gregos, que acreditavam em versões contraditórias dos fatos ligados à guerra de Troia e que de modo ridículo prestigiavam ambos os poetas, Homero e Estesícoro. Dião menciona outra fonte sem explicitá-la, além de Homero e Estesícoro, possivelmente mimetizando Heródoto, que também tinha feito isso, e que aqui consideramos poder se tratar de Ágias de Trezeno.

O porta-voz do ataque à cultura grega é um sacerdote egípcio supostamente interrogado pelo próprio Dião, em uma clara paródia de Heródoto:

οὕτως δέ, ἔφη, γελοίως ἀπὸ τούτων διάκεισθε ὑμεῖς ὥστε ποιητὴν ἕτερον Ὀμήρῳ πεισθέντα καὶ ταῦτὰ πάντα ποιήσαντα περὶ Ἑλένης, Στησίχορον, ὡς οἶμαι, τυφλωθῆναί φατε ὑπὸ τῆς Ἑλένης, ὡς ψευδάμενον, αὐτίς δὲ ἀναβλέψαι τὰναντία ποιήσαντα. καὶ ταῦτα λέγοντες οὐδὲν ἤττον ἀληθῆ φασιν εἶναι τὴν Ὀμήρου ποιήσιν καὶ <ἀκούοντες> τὸν μὲν Στησίχορον ἐν τῇ ὕστερον ᾠδῇ λέγειν ὅτι τὸ παράπαν οὐδὲ πλεύσειεν ἡ Ἑλένη οὐδαμόσε, ἄλλους δὲ τινὰς ὡς ἀρπασθεῖν μὲν Ἑλένη ὑπὸ τοῦ Ἀλεξάνδρου, δεῦρο δὲ παρ' ἡμᾶς εἰς Αἴγυπτον ἀφίκοιτο καὶ τοῦ πράγματος οὕτως ἀμφισβητουμένου καὶ πολλὴν ἄγνοιαν ἔχοντος, οὐδὲ οὕτως ὑποπτεῦσαι δύνανται τὴν ἀπάτην.

Assim, disse, é risível, depois de tudo isso, que vós permanecéis persuadidos por outro poeta que não seja Homero e que compôs poesia sobre as mesmas coisas todas acerca de Helena, Estesícoro, como suponho, o qual dizeis ter ficado cego por Helena, por ter mentido, mas que em seguida recuperou a visão, compondo uma poesia com sentido contrário. Tendo dito essas mesmas coisas, afirmam que Homero não é em nada inferior com relação à verdade, e tendo ouvido Estesícoro dizer, em sua ode mais recente (i.e. *Palinódia*), que de nenhum modo Helena navegou à parte alguma, *enquanto alguns outros* diziam que ela teria sido raptada por Alexandre e aqui teria chegado junto a nós no Egito com seus pertences, eles assim promovem controvérsia e muito desconhecimento, sem suspeitar do engano.

(D.Chr.11, 40-42)<sup>24</sup>

Dião demarca três versões da história do rapto de Helena: a primeira seria a mais antiga, de Homero, versão na qual Helena foi efetivamente para Troia. A segunda seria a de Estesícoro, segundo a qual Helena não foi à parte alguma e não necessariamente teria ficado em algum lugar específico. Observemos que “não foi à parte alguma” é diferente de dizer “ficou no Egito”. E ele ainda destaca a terceira versão na qual Helena teria aportado no Egito depois de raptada por Alexandre.

Dião está de acordo com o papiro Oxirrinco, segundo a versão de Estesícoro, de que Helena permanecera retida, mas sem especificação de lugar. Segundo a terceira versão, proveniente de fontes não nomeadas, “alguns outros” (*allous dé tinas*) poemas diziam que Helena, depois de raptada, chegou ao Egito com Alexandre.

Dião obviamente não está se referindo nesse caso exclusivamente à versão encontrada na prosa de Heródoto, embora sua versão mimetize aspectos dessa narrativa. A clarificação de Dião afasta a versão de Estesícoro como portadora da tópica de Helena no Egito e indica a existência de uma terceira versão, na qual efetivamente Helena esteve no Egito. Uma pergunta surge a partir de

<sup>24</sup> Tradução e grifos nossos a partir da edição de Emperius (1844, p. 187).

Dião comparado a Heródoto: afinal, quem são esses outros poemas referidos por Heródoto? Seriam os mesmos de Heródoto e puderam ser identificados por Dião? Ambos estão falando dos temas e/ou subtemas do *Ciclo troiano*?

Ainda que ambos estivessem falando de um mesmo tópico ou conjunto de textos conhecidos como *Ciclo troiano*, é improvável que Heródoto e Dião se valessem de edições similares. Considerando a distância temporal entre eles, há nessa leitura apenas uma conexão hipotética entre eles. E, mesmo que essa conexão seja verdadeira, tal qual aqui apontamos, é importante considerar que cada um deles certamente tem concepções muito diferentes diante de si da tradição literária herdada sob a rubrica de *Ciclo épico* ou *Ciclo troiano*.

Ao refutar os *Cantos Cíprios* (*Cypria*), Heródoto refere-se a alguma outra tradição poética, cuja autoria não nomeia. Na frase “os *Cantos Cíprios* não são de Homero, mas de algum outro” (*ouk Homerou tá Kúpria epea esti all'allou tinós*) (2.117, 2-3), esse *allou tinós* pode ser qualquer outro poeta, não necessariamente Estesícoro. Lembrando que os poemas cíclicos provêm de várias épocas e exibem temas independentes (West 2003; Bernabé 1996; Griffiths 2007, p. 136). Também Heródoto poderia estar tratando de outro poema desse grupo, ou seja, outro poema do mesmo conjunto conhecido como *Ciclo troiano*, e essa parece ser uma leitura provável.

Heródoto discerne a versão de Homero da versão dos *Cantos Cíprios*, explicando que em Homero haveria o suficiente para defender a tese de que Helena permaneceu no Egito, enquanto os *Cantos Cíprios* teriam dito o contrário, que Alexandre em três dias chegara a Troia com Helena por intermédio de ventos propícios, restando apenas esse “algum outro” como fonte enigmática do seu relato.

Segundo Lloyd (1993, p. 51), Heródoto poderia ter confundido os *Cantos Cíprios* com algum outro poema cíclico, mas tal posição é controversa, especialmente porque há dúvida até hoje em definir categoricamente os autores desses textos fragmentários cujas datações também não são tão seguras (Burgess, 2001, pp. 1-13).<sup>25</sup> É preciso considerar, entretanto, que esses poemas estivessem mais disponíveis para Heródoto do que para Dião. Além disso, provavelmente algumas dessas fontes podiam ser identificadas no tempo de Dião, considerando sua capacidade em discernir entre três fontes ou versões, apontando para algo que possivelmente estivesse, por seu turno, também mais claro em seu tempo acerca das possíveis fontes de Heródoto. A distância relativa entre eles e esse material arcaico é também um fator que gera muitas dificuldades interpretativas. É possível que Dião conhecesse partes ou elementos do *Ciclo troiano* remanescente e que também, como dissemos, o reconhecesse como fonte de Heródoto, especialmente por valer-se desse mesmo lugar comum para seu próprio engenho retórico<sup>26</sup>.

<sup>25</sup> Ver Scafoglio (2004, pp. 294-306), Casalegno (2017, pp. 12-85).

<sup>26</sup> Ver Burgess (2001), que acredita que os *Ciclos* estavam disponíveis na era clássica. Ver também Severyns (1928, pp. 70-81), quanto ao desaparecimento dos *Ciclos*, que acredita que, no começo do século VI d.C., já não existia praticamente nada acerca deles e mesmo as alusões a eles já haviam se tornado escassas.

Heródoto parece conhecer algumas versões dos *Ciclos*, tendo silenciado acerca de qual falava. Scafoglio explica que não é porque Dião antagoniza com Homero que ele se torna imediatamente um aliado dos *Ciclos*, além do que mostra que os *Ciclos* ficaram em segundo plano nas interpretações posteriores, como poemas menores, especialmente por uma visão depreciativa derivada de Aristóteles e seguida pelos filólogos alexandrinos (Scafoglio, 2017-18, p. 345). Mesmo assim, Dião escolhe esse lugar comum e a razão disso pode estar tanto no parco material a seu dispor – Dião, nesse caso, inventa sobre um tema cujas referências são longínquas –, ou, em uma hipótese mais otimista, Dião conhece algum material remanescente do *Ciclo troiano*.

No caso de Dião ter pouco material à sua disposição, isso poderia ter sido um estímulo para revisitar esses temas, inclusive considerando que eles estivessem desgastados ou até mesmo relativamente esquecidos. Essa hipótese parece apropriada, isto é, que ele tenha criado seu discurso nesse campo relativamente aberto, que por isso seria um estímulo à sua invenção.

Com relação ao *Ciclo troiano*, conhecemos, além de fragmentos bastante exíguos, o resumo feito por Proclo do conteúdo dos *Retornos* (*Nostoi*) de Ágias de Trezeno (séc.VII a.C.), no qual se contam as aventuras e desventuras do retorno dos atreus. Proclo diz que Menelau, em sua viagem de volta, assim como vimos em Heródoto, aportou no Egito:

Τοῦ αὐτοῦ περὶ Νόστων  
 Συναπτει δὲ τούτοις τὰ τῶν Νόστων βιβλία πέντε Ἀγίου Τροιζηνίου περιέχοντα  
 τάδε.  
 Ἀθηνᾶ Ἀγαμέμνονα καὶ Μενέλαον εἰς ἔριν καθίστησι περὶ τοῦ ἔκπλου.  
 Ἀγαμέμνων μὲν οὖν τὸν τῆς Ἀθηνᾶς ἐξιλασόμενος χόλον ἐπιμένει. Διομήδης  
 δὲ καὶ Νέστωρ ἀναχθέντες εἰς τὴν οἰκίαν διασφύζονται. μεθ' οὓς ἐκπλεύσας  
 ὁ Μενέλαος μετὰ πέντε νεῶν εἰς Αἴγυπτον παραγίνεται, τῶν λοιπῶν  
 διαφθαρεισῶν νεῶν ἐν τῷ πελάγει.  
 οἱ δὲ περὶ Κάλχαντα καὶ Λεοντέα καὶ Πολυποίτην περὶ πορευθέντες εἰς  
 Κολοφῶνα Τειρεσίαν ἐνταῦθα τελευτήσαντα θάπτουσι. τῶν δὲ περὶ τὸν  
 Ἀγαμέμνονα ἀποπλεόντων Ἀχιλλέως εἶδωλον ἐπιφανὲν πειρᾶται διακωλύειν  
 προλέγον τὰ συμβησόμενα.

Do mesmo, acerca dos *Retornos*

Reúne nesses cinco livros dos *Retornos* de Ágias de Trezeno o seguinte conteúdo: Atena impõe discórdia entre Agamêmnon e Menelau acerca da navegação de retorno. Agamêmnon permanece para afastar a cólera de Atena. Diomedes e Nestor foram conduzidos a salvo para casa, enquanto Menelau teve navegação desviada e chegou ao Egito com cinco barcos, sendo que o resto da frota foi destruída no mar. Calcas com Leonte e Polipoiete atravessaram a pé até Cólofon, local em que realizam funeral para Tirésias. Na saída da navegação, uma imagem (*eídolon*) de Aquiles aparece para Agamêmnon, tentando acompanhar e predizer o que aconteceria.

(Procl. *Chrest.* 277-293)<sup>27</sup>

<sup>27</sup> Grifos nossos, bem como tradução, pautada na edição de Severyns (1953, p. 94), idêntica à de Bernabé (1996, p. 94). Consultamos também as traduções feitas por Buzzeli (2019, p. 169), por Burgess (2001, p. 180) e Severyns (1953, p. 94).

Nesse resumo, fica claro que a obra atribuída a Ágias de Trezeno portava uma tópica genérica que pode ter sido recebida por Heródoto, bem como trabalhada por outros poetas. Menelau aporta no Egito, mas em contexto diferente do que vimos em Heródoto, pois nele não há qualquer menção ao resgate de Helena. Nesse sentido, tal desembarque no Egito também permanece desconectado de Helena, causando mais dúvidas nessa escassa topografia literária.

Curiosamente, nesse trecho, uma imagem, um ídolo (*eídōlon*) de Aquiles também perturba Agamêmnon em seu retorno, evidenciando o *eídōlon* como elemento literário característico desses *Retornos*, ainda que relacionado a outros personagens que não Helena. Heródoto, como já sugerimos, pode ter mesclado elementos dessa circulação textual do *Ciclo troiano*, de Estesícoro e de Ágias, excluindo um ídolo (*eídōlon*) onde não lhe conviesse<sup>28</sup>.

### Recepções tardias e interpretação dos *Retornos*

Avançando consideravelmente na datação e nas fontes, temos o léxico medieval Suda, que no verbete <Homero> faz menção a “alguns outros poemas” (*ál̄la tinà poiémata*) ligados àquela mesma tradição narrativa épica, incluídos *Pequena Ilíada*, *Retornos*, *Epitalâmica*, *Ciclos*, *Hinos* e *Cantos Cíprios* (*Cypria*)<sup>29</sup>. Nesse trecho, os títulos de diversos conjuntos poéticos são justapostos, estando os *Ciclos* entre outros. A mesma Suda, ao descrever os lugares comuns desse conjunto poético, diz, no verbete <Retorno>, que outros *Retornos* foram escritos, além dos retornos dos atreus, sinalizando também para um uso mais amplo desse lugar comum em que se cantavam os retornos dos sobreviventes de Troia:

<Νόστος> ἡ οἴκαδε ἐπάνοδος. παρὰ τὸ τῆς πατρίδος ἡδύ. ἢ ἡ ἀνάδοσις τῆς γεύσεως. καὶ οἱ ποιητὰὶ δὲ οἱ τοὺς Νόστους ὑμνήσαντες ἔπονται τῷ Ὅμηρῳ ἐς ὅσον εἰσὶ δυνατοί. φαίνεται ὅτι οὐ μόνος εἷς εὕρισκόμενος ἔγραψε νόστον Ἀχαιῶν, ἀλλὰ καὶ τινες ἕτεροι.

<Retorno> o caminho de volta para casa. Junto à prazerosa casa paterna. Ou a devolução do gosto. E os poetas dos *Retornos* seguiram os hinos de Homero tanto quando puderam. Parece que não apenas um [poeta] tratou de escrever *Retorno* dos Aqueus, mas também alguns outros.

(Suid. Nu 500)<sup>30</sup>

<sup>28</sup> Ver Scafoglio (2015); Fantuzzi & Tsagalis (2015, p. 24); Davies (1989, p. 85).

<sup>29</sup> Suda 526,4, edição de Adler apud. Bernabé (1996, p. 93): Ἰλιάς μικρά, Νόστοι [...] ἐπιθαλάμια, Κύκλος, ὕμνοι, Κύπρια (Suda *ómicron* 251, 34-39 na edição disponível em TLG).

<sup>30</sup> Nossa tradução e grifos, pautados na edição de Bernabé (1996, pp. 94-95). Consultamos também a tradução do período final desse trecho feita por Buzzeli, referente à marginalia nos códices GM: “Parece que não apenas um ficcionista escreveu sobre o *Retorno dos Aqueus*, mas também alguns outros” (Buzzeli, 2019, p. 169).

Os poemas dos *Ciclos*, entre eles o *Ciclo troiano*, os *Cantos Cíprios* e os *Retornos*, ampla coleção cujos sentidos abarcavam temas e episódios não narrados por Homero, sobretudo episódios anteriores e posteriores à *Ilíada* e à *Odisseia*, completam Homero e também, como disse Lloyd (1993, p. 50), modificam as versões consideradas “originais”. Os *Retornos* constituem um lugar comum em Estesícoro<sup>31</sup>, assim como o *Saque de Troia (Iliou Persis)* (Page, fr.196-205), de modo que há grande chance de que os mesmos temas do *Ciclo troiano* tenham sido tratados por Ágias e também adotados por Heródoto.

De acordo com essas proximidades, nossa hipótese é a de que esses *Retornos* possam constituir uma resposta válida para essa menção antiga de Heródoto acerca de outros poemas. Esse outro poeta, que não é Homero nem os *Cantos Cíprios*, poderia ser Ágias de Trezeno ou Estesícoro, pois ambos compuseram *Retornos*, tema ao qual a versão de Heródoto está ligada de modo temático<sup>32</sup>.

Heródoto menciona elementos provenientes “de algum outro” (*allou tinós*) (2.117, 2-3) poeta sem nomeá-lo, reconstruindo seus argumentos objetivos a partir de Homero, e teria provavelmente combinado outras fontes. Nessa leitura, consideramos que Heródoto possa ter utilizado elementos dos *Retornos* de Estesícoro e/ou dos *Retornos* de Ágias de Trezeno, ou até mesmo alguma combinação entre eles, visto estarem atrelados ao *Ciclo troiano*.

Dião, ao descrever a terceira versão acerca das ações em Troia, que nem é a de Homero nem a de Estesícoro, mas de “alguns outros” (*allous dé tinas*) (D.Chr.11,42), talvez pudesse reconhecer a fonte de Heródoto. Suda, como vimos, também usa a expressão “alguns outros poemas” (*álle tinà poiémata*), referindo-se a essa ampla gama dos *Ciclos*, bem como aos diversos *Retornos*. Tudo isso nos mostra que essa tradição dos *Ciclos*, tão ou mais antiga que Estesícoro, estava mesclada nas elaborações, temas e lugares comuns de Heródoto, os quais foram posteriormente parodiados por Dião.

Quando trata de outro poeta cíclico, Quérilo de Samos, e uma obra a ele atribuída, *Lamíaca* (ou *Samíaca*), a mesma Suda utiliza também a expressão “alguns outros poemas” (*álle tinà poiémata*) (Suda, *khi* 595).<sup>33</sup> Aristóteles evidencia a presença dos *Ciclos* quando trata de explicar a função dos proêmios nos épicos, que seria fazer com que a reflexão dos ouvintes ou leitores não vagasse, por isso usavam os primeiros versos da *Ilíada* e da *Odisseia*. Os seguintes versos de Quérilo são citados por Aristóteles imediatamente depois dos versos iniciais de Homero: “mostra-me *outro relato (lógon állon)*, de como da terra da Ásia, uma grande guerra chegou à Europa” (Ar. *Rhet.* 1415 a11).

Embora não seja possível afirmar categoricamente que a versão de Heródoto tenha elementos

<sup>31</sup> Ver Paus.10,26,1-6; POxy.2619 fr.33; Page, fr.208-209.

<sup>32</sup> Ver Buzelli (2019, p. XLVII). Fantuzzi & Tsagalis (2015, p. 24) também consideram o próprio Homero e Eumelo como possíveis compositores de *Retornos*. Danek (2015, p. 378), por outro lado, não acredita que os *Retornos* tiveram tão ampla circulação, considerando as poucas menções comparadas aos outros trechos do *Ciclo troiano*.

<sup>33</sup> Utilizamos informação proveniente da coletânea e tradução de Buzelli (2019, p. 249).

dos *Retornos* ou do *Saque de Troia* de Estesícoro e/ou dos *Retornos de Ágias*, é possível, entretanto, observar a proximidade e consonância desse campo literário. Pelo fato de termos apenas fragmentos e menções indiretas acerca desse tema, não seria possível assegurar mais do que uma hipótese de leitura.

O papel de Estesícoro em Heródoto é evidente, ainda que parcialmente, pela omissão do *eídolon*, enquanto Ágias de Trezeno talvez possa também ser matéria da elaboração de Heródoto junto com Estesícoro. Nesse sentido, talvez Ágias cumpra um papel tão importante quanto Estesícoro na elaboração de Heródoto.

Austin (1994, p. 122. n. 4) apontou ressonâncias entre Heródoto e Estesícoro a partir da menção ao fr. 47 (*mátas eipôn*) da compilação *Poetae Lyrici Graeci* feita por Bergk (1897, p. 988). Segundo Austin, se a atribuição de Bergk do fragmento for aceita, o *mátaios lógos* em Heródoto poderia ser entendido como uma citação oblíqua a Estesícoro. Quando Heródoto pergunta aos sacerdotes se os gregos diziam ou não *discursos vazios* ou *discursos vãos* (*mátaios logos*) (2.118,1)<sup>34</sup> acerca dos eventos em Troia, nessa expressão estaria uma menção a Estesícoro.

Catálogos de etimologia posteriores legaram variações desse termo, *matas*, atrelados também a Estesícoro, tal como o *Etymologicum Genuinum* (séc. IX d.C.), em que se lê: “<Vão> cujo feminino é vã. Estesícoro diz <vãs>” (<matên> estì gàr he matê thélukós. *Stesíkhōros <matas> eipen*). Também no Léxico de ps-João Zonaras, o mesmo se repete: “<Vão> em vez do <em vão>. A partir do feminino no vocabulário de Estesícoro foi dito <vãs>” (*matên. antì tou matakós. apo tou thélukou eis epirrhēma Stesíkhōros mátas eipôn*)<sup>35</sup>.

Consideramos a interpretação de Austin plausível e consonante com nosso percurso, que realiza aproximação dos *Retornos* com elementos temáticos de Estesícoro e de Ágias de Trezeno. Nossos passos estiveram alicerçados no resumo de Proclo e, especialmente, na interpretação de Dião, fundamental ao ressaltar, na paráfrase e paródia que faz de Heródoto, as fontes não nomeadas da narrativa do historiador, as quais entendemos provenientes desses *Retornos* de Ágias e/ou de Estesícoro, dentro de campo do *Ciclo troiano*.

Então, talvez seja possível considerar, de modo sinótico e esquemático, que Helena junto a Proteu seria uma cena derivada de Estesícoro, e Menelau aportado no Egito, uma cena derivada de Ágias. Heródoto pode ter realizado uma mescla em sua versão, trazendo Helena para o Egito através do raptor Páris Alexandre e, em seguida, Menelau, em seu retorno de Troia, momento em que aporta no Egito, talvez para buscar Helena.

Um detalhe final derivado desse percurso e que gostaríamos de apenas referir está no parágrafo 2.111 de Heródoto, trecho imediatamente anterior a essa apresentação de Helena no Egito, lugar em que encontramos uma “ambiência estesicórica”. Heródoto toca num tema caro a Estesícoro, o da

<sup>34</sup> Ver os verbetes *mátaios* e *matên* em Powell (1938, p. 215).

<sup>35</sup> Ver fr.257 de Page (1962, reimp. 2005, p. 130).

oftalmia por motivo de impiedade. De acordo com essa consideração, Heródoto estaria apresentando a oftalmia por impiedade do rei Féron como índice introdutório à “ambiência estesicórica” que virá a seguir, especialmente porque a oftalmia por impiedade da versão de Estesícoro era amplamente conhecida. Assim como a causa da oftalmia de Féron, em Heródoto, em Estesícoro ela também é de ordem religiosa, de modo que a impiedade de Féron contra o rio Nilo seria análoga à falta de Estesícoro contra Helena. Heródoto, ao contar esse breve episódio de Féron em 2.111, apresenta um índice dos temas estesicóricos como introdução aos assuntos ligados a Helena.

Féron ofende o rio Nilo e sofre uma oftalmia, enquanto Estesícoro ofende a Helena (Afrodite) e sofre uma oftalmia temporária. Sócrates platônico, por seu turno, conhecendo essas narrativas todas, depois de ter ofendido Eros, mas antes de sofrer qualquer represália divina, profere uma palinódia similar à de Estesícoro como precaução catártica (*Phdr.*243e-257b6). A falta religiosa de Sócrates contra Eros deve ser considerada um tema estesicórico, fato que torna o espelho platônico um facilitador da observação da tópica da oftalmia também em Heródoto 2.111, ainda que o cenário seja diverso e a oftalmia aplicada a personagens diferentes, além de cumprir função literária diversa.

### Estesícoro e Ágias em Heródoto – Considerações finais

Nesse breve trajeto, buscamos evidenciar a presença de Estesícoro em Heródoto 2.112-120 através de Helena junto a Proteu, mesmo que Heródoto não mencione o *eídolon*, evitando a citação literal, que, provavelmente, nem mesmo seria necessária. Evitando recursos irracionais ou fantásticos para essa estadia de Helena, Heródoto retém o tema proveniente de Estesícoro, de Ágias ou de outros poetas que escreveram *Retornos*, possivelmente atrelados ao *Ciclo troiano*. Nesses *Retornos*, Ágias menciona Menelau aportando no Egito, uma possível fonte de Heródoto, que pode ter mesclado com informações provenientes de Estesícoro e outros que reelaboravam temas do *Ciclo troiano*.

Tanto em Estesícoro como em Ágias se encontram naturalmente recursos narrativos irracionais e fantásticos, pois essa é a natureza mesma dessa literatura, como lemos nos escólios de Homero acerca dos *Ciclos*: “enfeitiça: a poesia cíclica, enfeitiças” (*thélgei] he kukliké, thélgeis*)<sup>36</sup>. Parece natural, portanto, que Heródoto tenha tudo isso em seu repertório e escolha omitir tais fontes, por procurar afastar elementos mágicos da sua versão, argumentando apenas através de conjecturas racionais e através de Homero, como autoridade máxima, para explicar o engano acerca da presença de Helena em Troia.

Constatamos nesse mesmo trajeto como Heródoto evita o termo *eídolon* sem, entretanto, evitar a oftalmia de Féron em 2.111, um índice introdutório aos temas e tópicos provenientes de

<sup>36</sup> Ver *Scholia In Homerum, Scholia in Odysseam (scholia vetera)* 16,195. Usei a tradução de Buzelli (2019, p. 175) ligeiramente modificada.

Estesícoro. David Sider (1989, pp. 423-31) mostrou toda ambiência grega da oftalmia estesicórica e diversas interpretações possíveis, desde as ligações com Homero, chegando às oftalmias provocadas por Afrodite, interpretações que a entendem como uma metáfora literária, sem, contudo, extrapolar os limites da circunscrição de Estesícoro. Nossa leitura, por outro lado, identifica a oftalmia como tema comum atrelado a Estesícoro e que aparece em Heródoto 2.111. O tema foi famoso e retomado por outros escritores, como Eurípides, também em Górgias, em Isócrates e em Platão, ainda que de maneiras completamente diferentes<sup>37</sup>.

Como breve conclusão, gostaríamos apenas de sintetizar os possíveis ganhos desse percurso. Ao estudarmos Heródoto 2.112-120, tornou-se necessária uma busca mais detalhada acerca de quais seriam as possíveis obras e temas com os quais o autor elaborava e reelaborava sua apresentação de Helena no Egito. Nesse rastreamento, Estesícoro se mostrou claramente importante, posto que parte de seu tema está evidentemente em Heródoto, especialmente Helena retida junto a Proteu, além do esforço comum em reelaborar a “imagem” de Helena, assim como ocorre também em alguns dos *Ciclos*. Em seguida, esse rastreamento se estendeu ao *Ciclo troiano*, a partir do qual outros elementos fragmentários puderam acrescentar informações e sentido à nossa interpretação de Heródoto, notadamente quando nos referimos aos *Retornos* de Ágias, em sua referência específica a Menelau aportando no Egito.

Nosso esforço foi o de aproximar Ágias de Trezeno e o *Ciclo troiano* ao que já sabíamos acerca de Heródoto e de Estesícoro, como fragmentos de uma cerâmica quebrada cujos pedaços são aproximados devido aos padrões comuns de suas pinturas, indicando continuidade, sem que, entretanto, tais pedaços encontrem seu encaixe contíguo e perfeito, mas que são evidentemente muito próximos devido à afinidade temática.

Dião, por seu turno, permitiu que observássemos com nitidez uma terceira tradição entre Homero e Estesícoro, que consideramos aqui ser ligada aos *Retornos*. Heródoto jamais refere explicitamente os *Retornos* de Estesícoro ou os de Ágias, mas Dião lança luz acerca dessa importante fonte não nomeada ao discernir a versão de Estesícoro como não vinculada a Helena no Egito. Dião alerta também para esses outros relatos que eram comuns na época de Heródoto, além do próprio Estesícoro, que são subsidiários dessa mesma circulação textual, fundamental na compreensão de como Heródoto reelabora temas, acrescentando elementos, silenciando outros, como salienta Griffiths (2007, p. 140). Esse jogo complexo desafia constantemente nossa compreensão acerca da criação textual e da tradição com a qual, ou contra a qual, Heródoto trabalha.

Heródoto, como pudemos ver, absorve um repertório muito amplo, entretanto é também seletivo e toma distância de certas perspectivas, de modo que fornece apenas algumas pistas desses lugares comuns usados e/ou evitados, elementos que emergem com diferentes roupagens na sua complexa assimilação literária.

<sup>37</sup> Ver Campos (2012; 2016) acerca da presença dos elementos estesicóricos em Platão. Ver também Kannicht (1969).

## Referências bibliográficas:

- ARISTOTLE. **The “art” of rhetoric**. Harvard University Press, 2006.
- AUSTIN, Norman. **Helen of Troy and her shameless phantom**. New York: Cornell University Press, 1994.
- BERGK, Theodor. **Poetae lyriici graeci**. Vol.3. Leipzig: Teubner, 1897.
- BERNABÉ, Alberto P. **Poetae Epici Graeci Testimonia et Fragmenta**. Pars II FASCICVLVS 3. Stuttgart und Leipzig: Teubner, 2007.
- BERNABÉ, Alberto P. **Poetarum Epicorum Graecorum Testimonia et Fragmenta**. Pars I. Stuttgart und Leipzig: Teubner, 1996.
- BETINI, Paloma. F; RAGUSA, Giuliana. As quatro Helenas de Estesícoro: A representação da heroína nos fragmentos de Helena, Palinódia(s), Saque de Troia e Retornos. **Codex - Revista de Estudos Clássicos**, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 1, pp. 74-93.
- BOWRA Cecil M. The Two Palinodes of Stesichorus. **The Classical Review** vol. 13, n. 3, 1963.
- BOWRA, Cecil M. Stesichorus in the Peloponnese. **The Classical Quarterly**, v. 28, n.2, 1934.
- BUZELLI, José L.S. **Fragmentos da poesia épica e cômica**. São Paulo: Odysseus, 2019.
- CAMPBELL, David A. **Greek Lyric III: Stesichorus, Ibycus and Simonides**. Cambridge Mass.: Loeb, 1991.
- CAMPOS, Rogério G. de. Estesícoro e as tópicas da poesia arcaica no *Fedro*: do ídolo (*eídōlon*) de Helena à *Carta III*. **Nuntius Antiquus**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, pp. 47-68, 2016.
- CAMPOS, Rogério G. de. **O Fedro de Platão à luz da tríade de Estesícoro**. 2012. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.8.2012.tde-21082012-112235. Acesso em: 2021-04-12.
- CARRA, Gabriel; RAGUSA, Giuliana. O lógos de Helena em Heródoto (2.112-120): Uma leitura à luz das estratégias de afirmação de autoridade. **Codex - Revista de Estudos Clássicos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 1, 2020, pp. 141-153.
- CASALEGNO, Giulia. **Proclo e il Ciclo Epico. La tradizione manoscritta dei frammenti della Crestomazia**. Università degli studi di Torino. Scuola di Scienze Umanistiche, 2017.
- CONDILO, C. Agonistic intertextuality: Herodotus’ engagement with Hecataeus on genealogies. **Journal of Ancient History**, vol. 5, n. 2, pp. 228-279, 2017.
- CONDILO, C. Mito e história nas Histórias de Heródoto. **História Da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, vol. 11, n. 26, 2018. <https://doi.org/10.15848/hh.v0i26.1250>
- D’ALFONSO, Francesca. **Stesicoro et la performance**. Roma: GEI, 1994.
- DANEK, Georg. Nostoi. In: FANTUZZI & TSAGALIS. **The Greek Epic Cycle and its ancient reception: a companion**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, pp. 355-379.
- DAVIES, Malcolm. **Poetarum Melicorum Graecorum Fragmenta**. Oxford, 1991.
- DAVIES, Malcolm. **The epic cycle**. Bristol: Bristol Classical Press, 1989.
- DAVIES, Malcom; FINGLASS, Patrick J. (ed.). **Stesichorus: The Poems**. Classical Texts and Commentaries, 54. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- DEFRADAS, Jean. **Les tèmes de la propagande delphique**. Paris: Librairie G. Klincksieck, 1954.
- DIONIS CHRYSOSTOMI. **Opera Graece**. Adolphus EMPERIUS (ed.), Brunsvigae: G. Westermanni, 1844. DOI: 10.17851/1983-3636.12.1.47-68
- ERODOTO. **Le Storie**. Libro II: L’Egitto. Introduzione, testo e commento a cura di Alan B. Lloyd. Traduzione di Augusto Frascchetti. Fondazione Lorenzo Valla Arnoldo Mondadori Editore, 1996.
- EURIPIDE. **Hélène; Les Phéniciennes**. Tome V. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

- EURIPIDES. *Bacchae*. E. R. DODDS. Second edition. Oxford: Clarendon Press, 1960.
- EURIPIDES. *Helena*. 2 vols. (ed.) KANNICHT, Richard. Heidelberg: Winter, 1969.
- FANTUZZI, Marco & TSAGALIS, Christos. *The Greek Epic Cycle and its ancient reception: a companion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015
- FOWLER, R. L. Mythos and Logos. *JHS* 131, 2011, pp. 45–66.
- GORGAS. Elogio de Helena, Tradado do não-ente. trad. Maria Cecília de M. N. COELHO. *Cadernos de Tradução* 4, São Paulo: Edusp, 1999.
- GRIFFITHS, Alan. Stories and storytelling in the *Histories*. DEWALD, Carolyn; MARINCOLA, John. (eds.) *The Cambridge companion to Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 130-144.
- GROTEN, F. J. “Herodotus’ Use of Variant Versions.” *Phoenix*, vol. 17, n. 2, pp. 79–87, 1963.
- HARTOG, François. *The mirror of Herodotus*. University of California Press, 1988.
- HERODOTI. *Historiae*. Libri I-IV, Oxonii, Oxford University Press, 1988.
- HESIODI. *Theogonia; opera et dies; Scutum*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- HUNTER, Richard. The Trojan Oration of Dio Chrysostom and Ancient Homeric Criticism. in GRETHLEIN – RENGAKOS (eds.). *Narratology and Interpretation. The Content of Narrative Form in Ancient Literature*. Berlin – New York, 2009, pp. 43-61.
- JANSEN, Michelle. Exchange and the *Eidolon*: Analyzing Forgiveness in Euripides’s *Helen*. *Comparative Literature Studies*, vol. 49, n. 3, 2012, pp. 327–347.
- KELLY, Adrian. Stesikhoros and Helen. *Museum Helveticum*, v. 64, 2007.
- LATEINER, D. The Historical Method of Herodotus. University of Toronto Press, 1989.
- LATTIMORE, Richmond. Herodotus and the Names of Egyptian Gods. *Classical Philology*, vol. 34, n. 4, 1939, pp. 357-365.
- LLOYD, Alan B. *Herodotus, Book II Commentary 99–182*. Études préliminaires aux religions orientales dans L’Empire romain. T.43, Leiden; New-York: E.J. Brill, 1993.
- LURAGHI, Nino. Meta-historiē: Method and genre in the Histories. In: DEWALD, Carolyn; MARINCOLA, John (eds.) *The Cambridge companion to Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 76-91.
- MANCUSO, Giacomo. Nota a POXY. 2506 (Fr. 26 Col. I. 21 = Stesich. PMGF 193). *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 186, 2013, pp. 38–39.
- MARINCOLA, John. *Authority and Tradition in Ancient Historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- MARINCOLA, John. Herodotus and the poetry of the past. In: DEWALD, Carolyn; MARINCOLA, John. (eds.) *The Cambridge companion to Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 13-28.
- MORAES, Érica, S. *Heródoto e o Egito. Tradução e comentário do livro II das Histórias*. Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1999.
- NICOLAI, Roberto. Erodoto e la tragedia di Troia. A proposito di 2.112-120. In: *Harmonia : scritti di filologia classica in onore di Angelo Casanova* : vol. I. - ( Studi e saggi ; 109). Firenze : Firenze University Press, 2012. - Permalink: <http://digital.casalini.it/10.1400/205711>
- OMERO. *Iliade*. trad. Onesti, R. C., Torino: Einaudi, 1990.
- OMERO. *Odissea*. trad. Onesti, R. C., Torino: Einaudi, 1989.
- PAGE, Denys L. *Poetae Melici Graeci*. Oxford at the Clarendon Press, 1962 [reimp. 2005].
- PINDARI *Carmina et fragmenta Scholia in Pindari carmina*. Drachmann (ed.) Volumen 2. pars 2, 1817.
- PLATÃO. *Fedro*. trad. CAMPOS, R. G. de, São Paulo: Hedra, 2018.
- PLATÃO. *República*. trad. PEREIRA, Maria H. da R., Portugal: F.C. Gulbenkian, 1993.
- PLATO. *Phaedrus*. with translation and commentary by C.J. Rowe, Warminster, 1986.

- POWELL, John E. **A Lexicon to Herodotus**. Cambridge University Press, 1938.
- PULQUÉRIO, Manuel de O. O problema das duas Palinódias de Estesícoro. **Humanitas** 25/26, 1973.
- ROSSETI, Livio. (Org.). **Understanding the Phaedrus**. Sankt Augustin: Verlag, 1992.
- SCAFOGLIO, Giampiero. Dione vs Omero. Decostruzione e rielaborazione della leggenda di Troia. **Revue des Études Tardo-Antiques** VII, Supplément 5, 2017-2018.
- SCAFOGLIO, Giampiero. I due volti di Elena. Sopravvivenze della tradizione orale nell'Odissea. **Gaia Revue interdisciplinaire sur la Grèce Archaïque**, 18, 2015, pp. 133-144.
- SCAFOGLIO, Giampiero. Proclo e Il Ciclo Epico. **Göttinger Forum für Altertumswissenschaft** 7, 2004, pp. 39-57.
- SCHOLIA in **Lycophron**. vol. III. ed. Christian Gottfried Müller, Lipsiae: Sumtibus F.C.G. Vogelii, 1811.
- SEVERYNS, Albert. **Le Cycle Épique dans l'École d'Aristarque**. Liège. Imp. H. Vaillant-Carmanne ; Paris: Édouard Champion, 1928.
- SEVERYNS, Albert. Recherches sur la Chrestomathie de Proclo. Vol. **La Vita Homeri et les sommaires du Cycle**. Tome III, étude paleographique et critique. Paris: Les Belles Lettres, 1953.
- SIDER, David. The Blinding of Stesichorus. **Hermes** 117. Bd., H. 4, 1989, pp. 423-431.
- SPATHARAS, Dimos G. Patterns of Argumentation in Gorgias. **Mnemosyne**, Fourth Series, Vol. 54, Fasc. 4 (Aug.), 2001, pp. 393-408.
- VÜRTHEIM, J. **Stesichoros' Fragmente und Biographie**. Lieden: A.W. Sijthoff's, 1919.
- WEST, Martin L. **Greek Epic Fragments**. Cambridge and London: Harvard University Press, 2003.
- WEST, S. Proteus in Stesichorus' Palinode. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, Bd. 47, 1982.
- WOLFE, Christian. On Euripides' Helen. **Harvard Studies in Classical Philology**, vol. 77, 1973, pp. 61-84.
- WOODBURY, L. Helen and the Palinode. **Phoenix**, vol. 21, n. 3 (Autumn), 1967, pp. 157-176.
- ZATTA, Claudia. **Incontri con Proteo**. Instituto Veneto di Scienze, Venezia: Lettere ed Arti, 1977.

